Clovis Mercy
Julho de 1934.

AS FONTES DA VIDA NO BRAZIL

AS FONTES DA VIDA NO BRASIL

ALBERTO TORRES

AS FONTES DA VIDA NO BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1915

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Vers la paix—Études sur l'établissement de la paix générale et sur l'organisation de l'ordre international — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1909.

Le problème mondial—Études de politique internationale— Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1913.

O problema nacional brazileiro—Introducção a um programma de organização nacional—Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914.

A organização nacional—Primeira parte: A Constituição— Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1914.

PARA ESCLARECIMENTO

A publicação deste estudo obedece ao proposito de destacar aos olhos da geração contemporanea de dirigentes dos nossos destinos dous aspectos radicaes da somma de crises que perturbam a vida deste paiz: a crise da natureza e a crise do trabalho.

Elle revela a realidade pungente de um paiz novo que chegou a esta phase critica da Historia sem haver nada construido e tendo estragado a sua terra e anemiado o vigor comprovado das suas raças, e confronta-a com as tendencias irreflectidas da nossa politica e com as dos centros financeiros e do pensamento superficial do mundo.

Em flagrante contraste com a verdade, a opinião dominante nos centros da nossa direcção mental e governamental, ou professa as mais aereas visões sobre a orientação da nossa politica, propagando como normas da acção publica idéas que traduzem os mesmos preconceitos que foram causa destes descalabros, ou paira, de todo indifferente a taes problemas, numa atmosphera de fluidas divagações e de luctas bysantinas.

A restauração das forças da vida, nas terras e na gente do Brazil, impõe-se-nos como um problema immediato e urgente. A sancção da nossa incuria já não

vale por simples ameaça, para os que lêm a realidade, nas cousas e nos factos. Base de toda a nossa vida é, entretanto, aquella obra impossivel, sem a organização do nosso mechanismo politico em moldes proprios.

Eis a synthese que aqui procuro fazer passar á vista dos brazileiros que estão de posse da direcção e da força politica, como a propria imagem cinematographica do mal intimo e profundo deste paiz.

Rio de Janeiro, março de 1915.

A. T.

AS FONTES DA VIDA NO BRAZIL

A realidade sobre a nossa situação social e economica é não só completamente ignorada, senão anda de todo obscurecida e confundida, pelos mais absurdos erros de sciencia e de observação.

Resultam dessa falsa interpretação das nossas cousas os postulados correntes nos centros dirigentes do paiz, sobre a nossa natureza, sobre a nossa riqueza e fertilidade, sobre a nossa politica economica—toda baseada nos preconceitos da expansão e da colonização—e sobre a nossa producção, o valor das nossas raças e o trabalho nacional.

Pareceu-me opportuno destruir essas illusões. A duvida sobre o valor das raças do Brazil, nos centros intellectuaes das nossas cidades, é mais um resultado do preparo— todo receptivo — dos que nos dirigem a opinião, que os conduz a tomar por dogmas tudo quanto os livros estrangeiros nos trazem, inclusive as suas sentenças condemnatorias, arestos com que o instincto politico das nações adeantadas, dando por superioridade absoluta a superioridade eventual e relativa que mostram hoje, fazem titulos á dominação das que chamam «raças inferiores».

Tomam os nossos homens de saber as causas, todas sociaes, do nosso atrazo, por causas ethnicas.

A formação do caracter psychico do homem, sendo de origem e de base inteiramente social, é uma das grandes ficções, e, ao mesmo tempo, uma das

armas de combate da ambição de poder e de dominio, o systema de attribuir ao homem um caracter, uma natureza, certas faculdades, vicios ou virtudes, *em si*, fundando-se assim, com esta deslocação para o terreno da metaphysica, do problema, contingente e mediato, da vida relacional do ser humano, a sciencia da desegualdade entre os seres da especie.

A verdade é que, não existindo um caracter proprio destes ou daquelles grupos humanos, senão caracteres relativos ás condições, locaes ou occasionaes, da sua origem, da sua passagem, ou da sua existencia, são as raças assignaladas, quanto ao seu typo mental, pelas modalidades do meio e da vida social, mais ou menos longas, mais ou menos vastas.

Encontra-se na hierarchia das raças decretada pelas diversas doutrinas que — desde o sabio Gobineau até aos modernos partidarios do seu conterraneo Vacher de Lapouge, com os allemães Nietszche e Ammon, os heredologistas da escola de sir Francis Galton e alguns dos adeptos, tambem francezes, da «sciencia social», de Frederico Le Play—pregam a desegualdade ethnica, uma distincção que, mostrando, por um lado, o erro da sentença condemnatoria, realça, por outro, o caracter profundamente social da evolução das diversas raças, e, portanto, ainda, o vicio dessas doutrinas; é a distincção entre a apreciação individual e a apreciação estatistica dos caracteres das raças.

Individualmente, dizem esses scientistas, encontram-se, entre as diversas raças tidas por inferiores, seres dotados das mais altas qualidades do typo qualificativo de «civilizado», mas estes casos singulares, sem base para se desenhar um nivel médio de elevação, não denotam capacidade geral e definitiva, nessas raças.

Este argumento, assento de toda a dialectica dos advogados, de espirito scientifico, da superioridade das raças — é liminarmente falso: desde que

todos consignam, nessas raças, o apparecimento e progresso de certo numero de individuos – que, não tendo sido voluntariamente escolhidos, por mais perfeitos, para serem collocados em posição de assimilar a civilização e a cultura, foram elevados, pelo contrario, a essa posição, por causas eventuaes, quasi sempre fortuitas — com incontestaveis qualidades e comprovados dotes de aperfeiçoamento social, o progresso alcançado por estes individuos não póde deixar de ser recebido, em exame rigorosamente assentado, senão como documento da capacidade geral do seu grupo ethnico, e o atrazo dos que não foram aquinhoados com os mesmos favores excepcionaes de chança, de fortuna ou de «opportunidade» — para usar o termo de alguns sociologos—de fórma a se elevarem, só se póde explicar, na censura da mais pura logica, pelo conjuncto de factores sociaes que, mercê da acção combinada dos meios e das correntes da evolução, afastaram os seus agrupamentos dos grandes centros onde se agitam os agentes selectivos em actividade vigente.

Não consigo conceber como se possa sahir das malhas deste raciocinio. O meio physico e as correntes sociaes formam, reunem e propellem, o conjuncto das condições, dos instrumentos, das relações, dos costumes, dos conhecimentos, das possibilidades, que, constituindo o *medium* cosmico-social da vida, vão impulsionando, saturando, activando, multiplicando e correlacionando, os instinctos, as tendencias, os actos, as sympathias, os interesses e as competencias, nessa teia de actividades e de interacções, que, formando a vida «collectiva» da sociedade, crêam, consolidam, mantêm e aperfeiçoam, o caracter psychico do individuo. A nossa vida moral é, na sua base pessoal e no seu curso, producto e reflexo das grandes forças e dos agentes mais possantes da vida social. E esta verdade fica illuminada a todo o clarão da evidencia, com a simples lembrança da origem e

da evolução do mais elementar e do mais grosseiro dos phenomenos da vida psychica reflectida: a da linguagem. Se a linguagem não poderia existir nem evoluir sem a sociedade, que dizer de todas as outras funcções, superiores e mais subtis, do nosso espirito, sem o contacto, o convivio e a agitação progressiva dos homens!

O acerto do velho proloquio: «o homem põe e Deus dispõe», que o positivismo verteu para a sua formula: «o homem se agita e a humanidade o conduz», é um esboço desta verdade: a mentalidade humana, e, portanto, o curso da nossa existencia, dirigidos pelos nossos moveis psychicos, resulta do ambiente social, sujeitos ás contingencias do meio cosmico, das correntes-historico-geographicas da evolução da especie e das forças predominantes em cada epocha e em cada logar.

Applicada ao Brazil, esta verdade decompõe-se em outros conceitos parciaes, favoraveis todos á aptidão social das nossas raças, á sua moralidade, ao seu valor economico. E' o que demonstro, nos meus recentes trabalhos. E as condições particulares, ainda mais, da nossa existencia durante alguns seculos, quasi exclusivamente applicados á exploração e á expansão colonizadora, sem o longo estabelecimento definitivo que fez gerar, nas raças que habitam os paizes adeantados, o *medium* cosmico-social da civilização, não permittiram aqui formar-se ainda nem os vinculos da simples ligação do homem com a sua terra, nem o conhecimento dos meios e processos proprios á exploração da nossa natureza e muito menos o estabelecimento das bases da adaptação geral e da vitalidade progressiva, na economia e no espirito!

Os brazileiros são, todos, estrangeiros na sua terra, que não aprenderam a explorar sem destruir, e que têm devastado, com um descuido, de que as affirmações dos meus trabalhos dão ainda um pallido reflexo. Os que habitam as cidades fazem-se, por sua

vez, ainda mais estrangeiros, exhibindo uma ficticia civilização de luxos mentaes e de luxos materiaes, inteiramente alheios á vida nacional; e os que nos dirigem e nos governam, extranhos á realidade da nossa existencia, agitam e mantêm essa effervescencia de interesses e de paixões que formam toda a superficie da nossa vida publica, com o fervilhar de actos e, principalmente, com a brilhante ebulição intellectual, que lhe é propria — oppostos, e até hostis, aos sentimentos, aos interesses e aos direitos, da Nação, e de que a attitude critica e condemnatoria, commum a quasi todos os nossos intellectuaes, é o expressivo e deploravel modelo.

Deste estado de desencontro, de ignorancia e de conflicto, entre a terra e os seus habitantes, entre as raças e o meio cosmico, e entre as raças, o meio, as instituições, os costumes e as idéas, resultam os traços que formam o relevo convulsionado da nossa estructura nacional.

Toda a immensa área do nosso territorio, dividida, hoje — numa primeira classificação sob o criterio do interesse social—em vastas regiões já desbravadas pela acção exploradora e colonizadora dos invazores, e outras amplas regiões, em poder de selvagens—ainda virgens, felizmente, do «machado da civilização» — tem as primeiras divididas — afóra a parte composta de campos, de pobre fertilidade, em geral — em zonas desbastadas, entregues á exploração extensiva, zonas desbastadas, já abandonadas, e esparsas manchas florestaes, aqui e acolá, nas regiões, principalmeute, em que a expansão economica menos se dilatou.

A's terras que se podem denominar, com justeza, de campo: as extensas varzeas dos planaltos, pobres e seccas, em geral, onde só á força de pesada exploração intensiva se manteriam populações não muito densas vivendo parcamente da pequena indus-

tria pastoril e da cultura de cereaes, ha a juntar, com as planuras um pouco mais ricas do Rio Grande do Sul—ainda assim inferiores, em geral, ás orientaes e ás argentinas—toda essa immensa área de restingas, de catingas, de brejaes, de quasi desertos, que, para o centro, para o norte e para o oéste do Brazil, são o pouso e campo de parada e de peregrinação, dos rusticos barbaros do interior: os mestiços e mamelucos de varias mesclas, que formam os bandos vagabundos de «jagunços», de «caipiras», de «cangaceiros» e de caboclos, espalhados por toda a parte, nascidos, uns, na fronteira moral da civilisação para se absorverem logo no vortex anonymo dos desertos, e expellidos, outros, em homisio, dos centros onde ha policia e onde ha xadrez, para a liberdade, faminta e suarenta, dos areaes.

Das antigas regiões de florestas, a parte desbastada, extensa como a de nenhum outro paiz intertropical, transformou-se, num periodo que não excede de tres seculos, uma parte em desertos, tão aridos quasi como os das outras regiões, outras em extensos campos e capoeiras, pobres e rachiticos, á falta de aguas correntes e de chuvas, e, por entre umas e outras, algumas zonas onde vicejam ainda robustas florestas, já nostalgicas, comtudo, da atmosphera primitiva, e, dia a dia, mais pobres em oxygenio, em azoto e em humidade.

Entre estas, as nossas «lavouras» vão seguindo o cyclo das suas crises de exploração extensiva e de deterioração atmospherica, condemnadas as mais vivazes ao limite da vida da arvore e da actividade dos terrenos, que a furia desvastadora aggrava de anno para anno; e as periodicas, a um restricto decurso de renovação, sujeito a todas as vicissitudes e contratempos de uma natureza a que se roubaram, com as fontes normaes da humidade atmospherica e do «humus», todas as seguranças e até as mais modestas probabilidades de colheitas regulares.

E' natural que, sob a influencia e na contemplação dos bizarros aspectos da nossa natureza tropical, de uma côr tão intensa e de uma luz tão dura para olhos affeitos aos coloridos limpidos e á luz, diaphana ou lactea, dos quadros europeus, houvessem os nossos primeiros colonos sentido, transcorridos dous ou tres annos, que, neste paiz, a que faltavam os gelos e cujo sólo não abeberava a quéda annual das neves, algo deveria dar-se, de singular e extranho, que differenciasse as cousas, do que se passa em Portugal; mas, ou porque o proprio olhar do observador não fosse assaz instruido nem arguto, ou porque o interesse não estimulasse a curiosidade, assegurada, como estava, a existencia, nos sertões virgens, com os fructos de extracção e com a cultura das terras devastadas na visinhança das florestas, o colono fez a sua obra destruidora, sem consciencia e sem protesto dos governos, dos homens de intelligencia, e até dos proprios, aliás, avizados e curiosos, directores espirituaes das emprezas de colonização: os membros das ordens religiosas. Essa obra de ruina proseguio, depois, sob as vistas e sob a responsabilidade dos governos da nação soberana; e, se, porventura, um ou outro espirito, mais observador e de mais zelosa iniciativa, relanceou o facto e deteve-se a examina-lo, nenhuma acção efficaz resultou dessas observações, nem — o que é mais singular — nenhuma generalização, capaz de inspirar vistas previdentes para o futuro.

Não espanta que tal se désse. Se é facto que, em raros trechos do nosso territorio, cuidados com zelo quê relembra a guarda esmerada das «tapadas» nobres, florestaes e de caça, notava-se outr'ora algum interesse pela conservação das mattas, como nas terras imperiaes de Petropolis, a propria escolha deste e de outros sitios para fundação das cidades de estio da Côrte das classes abastadas, revela uma inteira ignorancia do grave problema climaterico deste paiz, que impunha, como imperativo da propria

vida, a immunidade dos altos e dos valles superiores das serras, onde, em lugar de habitações, de cidades e de fabricas, se deveram ter estabelecido e mantido depositos de accumulação d'aguas, para distribuição nas regiões inferiores habitadas, urbanas e ruraes, e para conservação do clima normal.

Ao mesmo tempo—ampliando, para ulteriores desenvolvimentos, as nossas observações—é assombrosa, por outro lado, a illusão dos homens de sciencia, aqui e no estrangeiro, sobre a riqueza e fertilidade das terras do Globo. Não obstante a extincção visivel de innumeras especies naturaes uteis, e o patente exgottamento de uma infinidade de riquezas, como a hulha, ameaçada de desapparecer em reduzido numero de seculos, o sepultamento de regiões, outr'ora ferteis e intensamente exploradas, sob o pó dos desertos, como no valle da Mesopotamia; as profundas e radicaes alterações climatericas que produzem, em paizes—regularmente administrados, aliás, como a França—verdadeiros cataclysmos periodicos, como as enchentes do Sena; o escasseamento das madeiras, apezar do desenvolvimento da sylvicultura industrial; as seccas, as pestes, as fomes, da India e do centro da Asia—de causas meteoricas—, ha ainda uma sciencia que propaga a illusão da quasi eternidade dos thesouros e dos productos do nosso planeta. E é interessante notar que esta sciencia allia á sua candida confiança a propagação das idéas militantes da politica expansivista e conquistadora.

Sob a suggestão desse mesmo espirito tendencioso, deu-se, até algumas dezenas de annos passados, — emquanto sir Charles Lyell não havia refutado a interpretação catastrophica da formação geologica da Terra—este singular contraste, nas doutrinas dos scientistas: ao passo que os phenomenos da formação da structura da Terra, prolongados, alguns, até nossos dias, e violentamente fortes, outros, em pleno estadio da era humana, eram attri-

buidos a enormes cataclysmos de origem hypogenica e de natureza plutonica, os grandes factos da vida social : os abalos tremendos das migrações, das guerras, das revoluções e dos exodos primitivos, eram interpretados por meio de lendas e de mythos, inteiramente extranhos ás forças da natureza, ou em que estas entravam como accidentes ou como effeitos das causas mythologicas da Historia.

Os immensos movimentos physicos que haviam abalado o globo a ponto de soerguer ou rebaixar as rugas formidaveis das cadeias de montanhas e as bacias concavas dos mares, nada influiram sobre os primitivos bandos de frageis creaturas á mercê dessas tremendas agitações, que depois de levantarem muralhas collossaes de granito e de terra e cavarem oceanos, convulsionavam ainda todos os continentes.

A mesma sciencia que contestára a força dos phenomenos physicos sobre os destinos do homem e que não vira a destruição do planeta por obra da incuria e da ignorancia que dirigiram o nosso espirito, negar-nos-ha hoje, talvez, o poder e o direito de investigar e de estudar os estragos e as depredações que fizemos, para fazer sobre a Terra a policia dos bens humanos e iniciar a restauração das suas riquezas.

Quando muito, no que respeita ás guerras, o saber cathedratico das Universidades alvitra, com uma timidez que revela o receio de colher o fructo da «arvore da sciencia do bem e do mal», quando não resulta—como na hypothese, tão propagada, da natureza ethnica da origem das guerras : attribuida á lucta das raças—do preconceito sub-consciente da dominação — alvitra, dizia-se, como simples conjectura, a verdade, evidente e monumentalmente demonstrada pelo confronto das ultimas crises da formação da Terra com a evolução da nossa especie, e das crises, não ethnicas, mas geographicas, do seu povoamento, de que foram os abalos physicos do

Globo—normaes no ponto de vista geologico, mas catastrophicos, para o criterio do homem primitivo—que, com os caracteres e os accidentes naturaes da sua structura, e com os deslocamentos originados de uns e outros, crearam o espirito e o habito da guerra.

Esta interpretação da causa original das guerras—attribuidas ao conflicto das raças, por força da sua irreductivel incompatibilidade—tem um valor soberano, para caracterização das duas tendencias que determinaram até hoje toda a evolução politica e social dos povos, ao impulso da religião e do militarismo,—tendencias que se podem resumir numa só : o espirito imperialista. A predominancia das causas cosmicas, produzindo a guerra entre seres da mesma especie, é facto que salta aos olhos, na contemplação dos phenomenos da adaptação das sociedades primitivas ; mais evidente é, comtudo, ainda, que as guerras primitivas, ferindo-se, por essas remotas edades prehistoricas, entre bandos e tribus que, com tardo vagar e innumeras difficuldades, iam abrindo caminho, contra todos os obstaculos e tropeços da natureza, á disseminação e ao povoamento, travaram-se sempre entre grupos contiguos ou visinhos, e, por consequencia, de mais proximo parentesco. Tanto basta para fazer repellir a interpretação da origem ethnica das guerras—simples suggestão subjectiva, plantada no espirito dos advogados das raças actualmente avançadas, pelo mesmo impulso que, assim projectando para o passado, o temperamento e o instincto politico inspirador, nos meios militaristas, do direito de evicção das raças inferiores, apoiando, entre os apostolos da conquista pela suggestão, os privilegios da missão educativa dos povos *mais fortes*, e prestigiando, nos centros da finança e dos negocios, intimamente entrelaçados com os outros, os demais direitos da exploração das riquezas, da expansão economica e da «mise em valeur», no interesse do com-

mercio e da *civilisação*, não faz mais que alimentar e propagar o espirito de dominação e de cobiça, que assenta — inconsciente e despercebido, em muitos casos—no fundo da moral internacional vigente e activa.

Do resumo, ácima feito, sobre o estado das terras brazileiras, com relação á producção, decorrem algumas primeiras verdades, basicas e fundamentaes —porque versam sobre phenomenos da natureza—e preliminares a quaesquer estudos de ordem agronomica e de ordem economica sobre os nossos problemas. As terras do Brazil estão subordinadas, essencialmente, em quanto á conservação das condições naturaes da habitabilidade, da sanidade e da productividade, á conservação e á fartura dos mananciaes, que, não tendo nem gelos nem neves que os abasteçam, dependem das fontes naturaes, alimentadas, nos paizes dos tropicos, sobre as altitudes, pelas condensações atmospphericas, sob a guarda protectora das florestas. Sem os poderosos agentes de supprimento d'agua, das zonas temperadas e frias : os gelos e as neves, falta-lhes, por isso, com o elemento periodico da conservação da humidade, o processo normal de irrigação, e, com o de formação da terra vegetal, devido á quéda das folhas, particularmente nas florestas, o da formação do «humus» : os processos expontaneos com que a natureza apoia o trabalho humano, renovando os adjuvantes da cultura, e regulando, com periodicidade astronomica, as estações. Esta falta colloca-nos, assim, em quanto á humidade do sólo e á humidade atmospherica, na posição de dispôr de uma quantidade de supprimento, que não é arriscado computar em metade da que beneficia as regiões frias e temperadas do Globo. Ora, a nossa posição geographica faz do nosso paiz, por outro lado, um dos campos de mais intensa irradiação solar, em toda a Terra : colloca-nos, por força desta injustiça na distribuição da natureza, em posi-

ção de ter, numa média grosseiramente estatuida, o dobro de calor para a metade da humidade.

São os resultados desta contingencia natural que o estado das nossas terras está exhibindo, em toda a extensão do territorio brazileiro aberto ao povoamento. De parte a Amazonia—onde, explorando uma arvore nativa, não teve ainda o homem opportunidade de destruir a ponto de transformar em desertos todas as regiões desnudadas, mas onde, tambem, a destruição da syringa é excessivamente devastadora, para a industria do seu producto, e a dessa planta, o córte das madeiras, e as derrubadas nos pontos mais densamente povoados, já devem mostrar influencia sobre o clima—região que, tendo as nascentes e as cabeceiras, virgens, até ha pouco, de exploração, é excepcionalmente privilegiada, quanto á conservação do «humus», pela sua forma geographica em bacia—o mar interior, dos antigos descobridores —todo o Brazil medio, do Maranhão a S. Paulo, composto, no centro, de planaltos seccos, por onde as aguas correm e não se infiltram, e, na maior parte das costas, de areaes, e, no littoral do sul, e nas bacias occidentaes, de planicies baixas—inferiores, frequentes vezes, ao nivel do mar, e, por isso, sujeitas, pela irregularidade da vazão das aguas e pelo conflicto das correntes fluviaes com a direcção das correntes maritimas e com as dos grandes estuarios, a tantos alagamentos, nefastos á salubridade e á producção—toda esta immensa porção do paiz, que conterá muitas vezes a área da França, tem a sua habitabilidade, a sua sanidade e a sua productividade, compromettidas, por muitas dezenas de annos, até ao momento em que se iniciar a politica da restauração das nascentes e das fontes, da regularização das estações e da distribuição das aguas.

A agua é, dos dous elementos da vida climaterica da Terra, o que mais se faz mister conservar nas regiões tropicaes, e, por fortuna, que a pretenciosa

incuria da nossa «civilização» tem transformado em ruina, o unico sobre o qual tem poder a acção humana.

Ora, o Brazil é um paiz cuja existencia material, como corpo de uma nação e como *habitat* de um povo, está gravemente ameaçada, por falta de aguas. Nega-lo, hoje, seria cousa que excederia de todas as raias do senso e da probidade.

Nós temos, por conseguinte, em primeiro lugar, um problema hygronomico, que precede todos os *nossos problemas* agronomicos e economicos. «Nossos problemas»: acabo de dizer, e é mistér sublinhar vivamente estas palavras, para deixar bem claro que a noção pratica deste termo corresponde aos problemas *apresentados* pela *nossa* terra e pela *nossa* gente, e não ás theses de agronomia, de economia e de politica, que a curiosidade intellectual de alguns transporta dos livros e da vida dos paizes estrangeiros para o nosso meio. Seja qual fôr o interesse da cultura e da economia a examinar no Brazil, esse interesse filia-se, na seriação a que se subordinam todas as questões praticas da vida, a este primeiro interesse elementar: todos elles ahi vão ter, e nenhum póde ser solvido sem as duas ordens de providencias que hão de attender, em nosso meio, neste objecto tão precario, a esta necessidade primordial, com soluções geraes relativas a cada bacia, a cada cadeia de montanhas e a cada serra, geradora de mananciaes, e com soluções parciaes, relativas a cada propriedade, ou a um pequeno grupo de propriedades.

Ha, ainda aqui, algumas observações a fazer, que cumpre destacar vigorosamente, afim de prevenir a tendencia, habitual em nossos espiritos, para isolar em abstracções e conceber em formas geometricas as questões praticas da realidade. Os problemas da pratica, como as proprias cousas, não se isolam, singularmente, no espaço e no tempo: entravam-se e subordinam-se uns aos outros: assignalar a precedencia,

ou a magnitude, de um, não significa que se o possa desligar das suas relações naturaes com todos os outros.

E' assim, por exemplo, que este grave problema hygronomico da nossa natureza tem relação com os problemas ordinarios da irrigação, que os agronomos estudam; mas, as idéas e os modelos que os livros de agronomia nos apontam, neste assumpto, nem attingem o problema geral e superior, nem são sufficientes para solver as simples difficuldades particulares da irrigação, nos logares onde a presença de aguas nos suggere, *prima facie*, a possibilidade da applicação dos processos europeus. E isto, por duas ordens de causas: causas locaes, decorrentes da structura, do relevo e da composição do sólo; e causas sociaes, economicas, juridicas e pessoaes, relativas ás multiplices relações que apresentam estas meudas questões de aguas, desde ás da administração publica até ás do preparo technico do agricultor, desde os meios de canalização e de distribuição, até á justiça summaria dos processos judiciaes de aguas. São toda uma infinidade de problemas, interessando á parte pratica da irrigação capillar das terras, isto é, ao seu amanho immediato, para os quaes nos faltam absolutamente todas as condições e todos os instrumentos.

Quando os nossos agronomos citam, assim, os exemplos do Egypto e de Portugal, escapa-lhes inteiramente que, na terra dos Pharaós, já se haviam feito, alguns milenios antes da nossa éra, grandes trabalhos de irrigação, que permittiram transformar o Nilo, de um simples caudal de vazão de aguas, nesse assombroso canal vascular, pelo qual, leva, annualmente, a industria humana, humidade e sedimentos ás terras, aliás estereis, das bordas dos desertos; e que, no Egypto como em Portugal, uma infinidade de pequenos e repetidos trabalhos de canalização, multiplicaram durante seculos e installaram na terra, as condições physicas, que a educação e os costumes, tambem per-

petuados por seculos, permittiram continuar a pôr em acção. Se, aqui, carecem os nossos agricultores das chuvas, para o plantio, e as plantas, para se desenvolverem, não é que esteja ao alcance daquelles o uso da irrigação; mas que as formas topographicas do paiz, a natureza do seu sólo, o seu regimen politico e administrativo, a falta de garantias e de processos legaes, de magistratura e de policia, de ensino das idéas elementares relativas ao assumpto, de educação dos habitos e dos esforços, por fim, para formarem, quanto ás multiplas operações desse serviço, os costumes que mantêm a somma dos usos e a somma das relações imprescindiveis a taes operações, contrariam a sua pratica.

Em nosso paiz, ao contrario do que tenderá a pensar o observador que julgar destes assumptos por seus aspectos apparentes — para o qual, aliás, a falta d'agua, periodica aqui no Rio, cidade privilegiada, já offerece um documento flagrante—esta segunda phase do problema da humidade do solo, e da humidade da atmosphera, relativa ás questões agronomicas da irrigação, dependentes de causas que nos são peculiares, aggrava-se, ainda mais, subordinada, como está, á primeira — com todas as difficuldades deste grave problema geral a que chamei «problema hygronomico» da nossa natureza. Na Europa, a experiencia estabeleceu, de ha longo tempo, os costumes do reflorestamento e da conservação das mattas, severamente policiados, e regulou-se o córte das madeiras e da lenha. Entre nós, onde as mattas exercem tão vital funcção, não só nenhum esforço se faz por conserva-las, mas propagam, ao contrario, os governos a necessidade de incrementar a expansão economica do paiz, para realizar a obra, tão vaidosa quanto illusoria, de «engrandecimento» e de emulação economica—sonho dos phantasistas dos milenios materiaes — e, quando os reclamos protestam, ensaia-se reparar o mal, elaborando, com o nosso burocratico

vagar e frieza, textos de legislação florestal ordinaria, difficilimos de applicar, por entre os nossos costumes, na anarchia social reinante e na dissolução legal do paiz mascarada sob os nomes de democracia e de federação, com os processos administrativos existentes.

O problema do reflorestamento, o da restauração das fontes naturaes e o da conservação e distribuição das aguas, são, em nosso paiz, problemas fundamentaes, extraordinarios, mais importantes que o da viação commum, e muitissimo mais que o das estradas de ferro — nos proprios pontos em que estes *meios de locomoção* correspondem a necessidades da *circulação*, cousa rara, actualmente. E' o primeiro, um grande e complexo serviço a emprehender, equivalente, pela sua importancia, ás obras de irrigação do Egypto e da Mesopotamia, a mais imperiosa e urgente necessidade da constituição cosmica deste paiz; condição da vida do seu povo, da sanidade do seu sólo, da productividade das suas terras — obra capaz (se emprehendida desde já com a generalidade e com a energia que o caso demanda) de estancar, dentro em cinco annos, o exgotto dos mananciaes, e de repôr as zonas productivas do paiz, em menos de vinte, no estado em que se achavam ha trinta annos passados; necessidade que, protellada deste momento, póde surprehender-nos, de um anno para outro, com a emergencia de seccas e de fomes, capazes de aniquilar massas extensas da população. Os complexos e minuciosos problemas da cultura agronomica são luxos de literatura technica, em face desta realidade!

As nossas terras que, uma vez exgottado o *humus,* formado e alimentado, durante seculos, pelas florestas, mal compensam os trabalhos da lavoura extensiva (não havendo lavrador bisonho do interior que ignore que a simples cultura dos cereaes e das forragens para alimentação do homem e dos animaes é superior ás possibilidades economicas de quasi todos e á renda da criação), ha muito que mostram o

documento da grave crise substancial da sua productividade, na mesquinha pobreza da nutrição que se dá ao gado, e já exhibem a prova da sua esterilidade com o sello da miseria estampado, na propria especie humana—quanto á parte da população do interior que ainda trabalha, porque outra, muito maior, vive a sorte de roedores e de simios, comendo raizes, folhas e fructos sylvestres, á falta de uma caça e de uma pesca, que vão escasseando—nas faces dos meeiros e dos assalariados da roça, roliças e lustrosas, emquanto dura o milho escasso das colheitas, e amarellas e pergaminhadas, quando—acabado o milho—têm de recorrer ás aboboras, ás hervas e aos inhames, para a nutrição ordinaria. A crise da alimentação do porco já se estendeu á alimentação do homem. Aqui remetto este thema a poetas e a tribunos, para as variações...

E este problema propedeutico da nossa agricultura liga-se a outro, de caracter tambem fundamental.

O problema da alimentação é necessariamente um problema local: local, quanto á producção, pela contingencia do clima, que favorece estas producções e limita a possibilidade de outras; local, quanto ás necessidades organicas, relativas á natureza da terra em que vive o individuo e a outros determinantes. O sólo produz bem certas cousas, melhor estas do que aquellas, mal, taes outras; com esforço e gastos de cultura de luxo, outras tantas. O clima, a natureza do trabalho, as relações do homem com a terra e na vida social, demandam esta ou aquella alimentação especial.

O problema da alimentação é o problema primario de um povo; não é um problema agronomico, nem hygienico, nem economico: é um problema de necessidade, um problema vital physico, um problema que se póde chamar — sacrificado o sentido etymologico da palavra, em beneficio do seu sentido obje-

ctivo — de «politica» individual. Seria descabido discutir, a este proposito, se o nosso paiz tem condições para ser «um paiz agricola». Não se trata de saber agora se a agricultura póde ser a industria principal ou uma das industrias principaes do paiz, nas relações do commercio internacional, mas unicamente de resolver o problema vital da producção para o consumo; e, quanto a isto, a extensão da nossa área territorial, a nossa posição geographica, e o estado actual do nosso povo e da nossa terra, dão a ameaçadora resposta de que este trabalho é a succinta imagem.

Mais ainda, o problema da alimentação está, como nenhum outro, subordinado ás condições da época, da phase do desenvolvimento da sociedade e do individuo, e da exploração da terra. A alimentação das camadas populares mais modestas, compõe-se, de generos, na Allemanha, para cujo preparo contribuem, em grande escala, processos de uma industria já adeantada: o pão, as salchichas, o queijo — base da nutrição da gente pobre nesse paiz, são verdadeiros productos industriaes; na Italia, em Portugal e na Hespanha, a alimentação, farta e solida do povo, é quasi exclusivamente, já, de producção agricola, porém avançada, com base nos cereaes e nas leguminosas; no Japão, o homem do povo, sedentario e occupado com trabalhos leves, contentar-se-á com o arroz, mas o que trabalha em mais pesados labores pedirá certamente nutrição mais forte; na Irlanda, e quasi geralmente, nas ilhas britannicas, é a batata a base da alimentaçãe popular.

Nós temos o nosso feijão; mas o feijão, que nunca foi alimento ordinario, para o homem de trabalho — no tempo dos escravos, era elle feito de milho e de carne secca, diariamente — é escasso e caro, dependendo das estações; o milho, que não paga, sabe-o qualquer matuto, o peso dos cevados, já é caro, tambem, para o homem; e, quanto á carne, se já se vae

fazendo luxo, para a besta de carga do labor agricola, o gaudio de um magro pedaço de carne secca argentina, mais caro lhe fica ainda o banquete de um bocado de carne, da rez que o fazendeiro abate de mez em mez!

Ora, estes generos são os alimentos que fomos adoptando, ao acaso das experiencias da acclimação, e ao da importação, em épochas em que a producção era garantida pela fertilidade expontanea da terra virgem e a alimentação completada pelos muitos productos naturaes que, até para o escravo, abundava no matto e nos campos proximos: e, quando não se lhes proporcionasse melhor caça, fructos e criações de cultura, ou lh'o fosse vedado, o lagarto, o tatú, até a cobra, algumas raízes e fructas sylvestres, estavam quasi sempre á mão, para melhorar a panellada diaria, ou dar a sobre-mesa, ao jantar. Hoje, até isso se vae extinguindo . . .

Não resolvemos, ainda, portanto, os dous problemas praticos, ligados á alimentação popular: o dos generos proprios para o nosso meio, para a natureza do trabalho e para a vida social, nas diversas classes; e o da sua cultura.

Formam, estes, reunidos, o outro problema pre-agronomico e pre-economico da vida nacional.

Na Amazonia, sabe-o toda a gente, o alimento era todo importado e pago a peso de ouro; e as seccas e fomes, que prenuncio, são já a realidade — por via da crise da borracha — para os miseros brazileiros que a fortuna levou áquelles sertões, emquanto, no Rio de Janeiro, as mais poderosas classes empenham-se por arrastar o governo á politica de novas aventuras economicas, vivem, quasi todos, numa agitação superficial de luxos materiaes, intellectuaes e moraes, commove-se a sociedade com os horrores da guerra européa, propagam escriptores e tribunos requintadas idéas de um apuro e de um brilho de joalheria, e governantes e dirigentes agitam esta popu-

lação, de espirito entorpecido para a realidade, nos transportes de illusões mysticas, de paixões impulsivas, desmedidas, e de estereis ambições.

Os descalabros desta terra vêm da agitação dos seus politicos, da predicação dos seus apostolos, dos preconceitos, illusões e theorias, dos seus homens de letras, e da cobica do seu commercio, da sua industria e da sua finança, collaboradora, com o estrangeiro, da ruina do paiz. Hoje, tudo isso se agita em torno do governo, que, não sendo nem uma instituição nacional, nem um corpo de dirigentes aptos, é a unica força de facto, e tornou-se, materialmente, o eixo em torno do qual se reunem todos os que não podem ou não querem agir, e, até ao momento em que uma agitação violenta convulsionar esta sociedade, para lhe pôr á frente uma força artificial qualquer, surgida das trevas, ou, ao interesse economico das nações estrangeiras se juntar um interesse politico, que suggira aos seus governos uma empreza de conquista, o nosso paiz irá seguindo a marcha da sua precoce cachexia, extinguindo-se, pelo interior, a flôr do seu povo—porque é a gente que ainda ama o trabalho—e a maioria da sua população, á espera de que um dia a secca e a fome venham bater ás portas do Rio, e accordar o interesse dos que, deste lado do Oceano, fazem o papel de parisienses na America, copiando as modas,as idéas, as illusões e os sentimentalismos, que lhes remettem os alfaiates do seu corpo e do seu espirito.

Terra nova, os precalços do clima poderiamos vence-los com as suas proprias vantagens; gente nova, sem nenhuma tradição, sem instituições, sociaes ou politicas, que empeçam as soluções naturaes dos problemas, só por incapacidade dos que governam e dos que dirigem se comprehende honvessem lançado raizes —neste paiz fadado para realizar a liberdade, para fundar o regimen da equidade social, nas leis, nos costumes, nas possibilidades e nos meios de acção,

para emancipar a vida pratica de normas e de dogmatismos oppressivos, para *iniciar,* em summa, na rotação das civilizações, o cyclo que ao continente americano compete promover, das reformas sociaes humanas e da organização da sociedade livre, pela politica da representação social, da solução *racional* dos problemas, livres de canones, livres de imperios, sem Reis, com Deus, ou sem Deus, mas, certamente, sem Papas, para todas as cousas da vida terrena — se comprehende que houvessem aqui lançado raizes os regimens de privilegio, de monopolio, de supremacia, de desegualdade juridica e de desegualdade social, que instauram as oligarchias da politica, da economia e do espirito, substituindo os privilegios da nobreza pela superioridade do azar e da fortuna, e accumulando os favores da sorte e as preferencias da selecção em grupos sociaes, tanto mais pesados, para a generalidade das massas, quanto mais numerosos, e tanto mais certos da victoria, quanto mais surda e anonyma é a pressão dos processos postos em pratica.

As democracias contemporaneas se estão transformando em oligarchias, de um poder e de uma dominação tão positivos quanto os das suzeranias feudaes. A violencia é menos brutal, mas a força duplica de poder, disfarçando sob a forma da moralidade de cada um dos membros a immoralidade dos processos collectivos : a terrivel oppressão de aggremiações em que a acção de cada um parece innocua e neutra, mas que os vinculos sociaes, expressos ou tacitos, transformam em gigantescas federarações de feudalismos. O Rei Sol tem por successores, hoje, reis constellações e reis systemas planetarios. E os reis temporarios trazem para o mando uma cobiça e uma sequiosidade de poder, de que a posse tranquilla do governo isentava os Cesares hereditarios, havendo imperios-instituições e imperios-associações que applicam as armas da força e da

astucia na razão inversa da abnegação pessoal de seus membros.

A politica de expansão economica foi, nos Estados Unidos, um prolongamento necessario do desenvolvimento commercial da Inglaterra ; coincidindo com os grandes descobrimentos industriaes e com as recentes idéas economicas, a nova nação independente tomon o mesmo fio da evolução da metropole e continuou a estende-lo ; os Estados Unidos tiveram uma colonização quasi fidalga, de grandes burguezes ; o sólo, a natureza, as riquezas da terra, a hulha, grande abundancia d'agua e de alluviões, tudo excitava os sonhos ardorosos de pioneiros e plantadores, inspirando ambições illimitadas, sobre a base de uma riqueza sempre crescente, multiplicada ao infinito. Aqui, nenhuma destas cousas se deu, e a fraude ás contingencias da nossa formação social só se explica pela forma de colonização depredatoria, dada pela Corôa portugueza ao povoamento do territorio, com as concessões de terras a seus validos, e, depois, pela perpetuação do espirito e da pretensão de nobreza, que a Monarchia manteve. Esta politica artificial, prolongou-a a Republica, com o abandono dos nossos problemas cosmicos e sociaes e com a acquiescencia e o apoio a costumes e systemas de actividade—senão, muitas vezes, iniciativa —de todo oppostos ao parcellamento da riqueza, á multiplicação do bem-estar, á circulação commercial. A nossa inteira vitalidade economica repousa sobre monopolios, sobre privilegios, sobre azares, sobre valorizações eventuaes, sobre operações aleatorias, sobre favores, sobre especulações : o trabalho, a producção, a valorização da propriedade e do esforço, não são verbas de capital, na escripturação do nosso regimen de trocas de valores.

Tudo isto resulta da feição francamente colonial da exploração do paiz, caracterizada pela supremacia do commercio estrangeiro sobre o commercio

nacional e sobre a producção, pela indefeza subordinação dos productores a exportadores e capitalistas estrangeiros, pela avidez e inconsciencia das derrubadas, pela preferencia, no trabalho, ao colono estrangeiro.

E eis que chegamos, agora, a mais um ponto central da nossa vida: a capacidade do trabalhador nacional, a sua aptidão para o trabalho e o seu amor ao trabalho.

A sociedade é á melhor das escolas, e a experiencia a unica verdadeira educadora. A Europa produz trabalhadores por necessidade, por costume e por disciplina; e nós produzimos ociosos porque, a não ser com o escravo, nunca fundámos no paiz cousa nenhuma propria a crear o interesse pelo trabalho e o amor pelo trabalho, entre os homens do povo. Na producção brazileira, só trabalhavam o dono da fazenda e o escravo. Os outros não precisavam trabalhar: alimentavam-se e vestiam-se á custa dos fazendeiros e tinham as festas da Egreja e as da fazenda e o jogo, para a alegria do espirito. Que se fez, durante quasi um seculo de independencia, para transformar em povo esta massa de ociosos? Crearam-se umas poucas de escolas publicas? Mas a licção e a palmatoria do pedagogo nunca formaram trabalhadores. Estabeleceu-se qualquer regimen de colonização nacional? Nem signal disso se encontra em toda a nossa legislação. E, para prevenir o sabio sorriso de ironia que estas perguntas costumam provocar nos labios de adeptos do fetichismo individualista, não é mister lembrar o que se fez entre nós pelo colono estrangeiro, nem tudo quanto se fez e se está fazendo, em toda a parte, em prol da animação e do desenvolvimento do trabalho: basta lembrar que, na França, onde a legislação social é uma innovação recente e ainda tibia, o parcellamento das propriedades dos nobres, emigrados depois da Revolução, deu propriedade e facilitou o trabalho a uma

grande parte da população rural. Só as revoluções justificam, então, estes attentados contra o *dogma* individualista, estas amplas e salutares providencias de assistencia social? Confessem, pois, que o estalão *providencial* das «taboas da lei» individualista, é de uma singular cegueira e de uma extranha inconsciencia politica...

Entre nós, a politica de expansão economica, com o systema de cultura extensiva, de mineração, de monocultura, de latifundios, de conquista dos sertões; com o desbravamento e a estrada de ferro; aggravou-se singularmente, por effeito da nossa adoração quasi idyllica pelo estrangeiro, que, assim como nós prostra, como em face de canones, deante das sentenças e dos juizos de celebridades passageiras, de reporters e de exploradores em excursão, entrega-nos de mãos atadas á argucia, ao tacto, á pericia, de financistas e de caixeiros viajantes, e nos submette as intelligencias aos intuitos e aos calculos do instincto politico dos outros povos. Nós temos mais que respeito: temos superstição pelo valor do estrangeiro e submissão á sua auctoridade; e nisto tem estado o maior obstaculo á formação da consciencia nacional, á educação da nossa iniciativa, á consolidação do nosso senso de responsabilidade — particularmente, da responsabilidade publica e social.

As victimas nacionaes desta politica heteroclita são tanto mais numerosas, e tanto mais intenso é o seu sacrificio, quanto mais baixa é a camada social. O Brazil não tem trabalhadores ruraes, porque as classes superiores, por seu egoismo, nunca tiveram interesse pelo seu patricio proletario, preferindo explora-lo a educa-lo, e abandona-lo, por fim, em sacrificio á machina dextra do trabalhador europeu. Mas — cumpre bem accentuar — este egoismo é mais imputavel aos dirigentes, aos legisladores, aos governos, porque o problema da organização do trabalho não poderia jamais ser solvido por iniciativa

expontanea dos particulares : e os Governos nunca fizeram outra cousa senão solve-lo contra o homem brazileiro, e contra a economia nacional, quando importou escravos e quando importou colonos.

Hoje, as crises da natureza confundem-se com as da dissolução social e economica e com as da anarchia politica, e, por fim, com as do intercambio mundial, para se conspirarem contra a Nação, e, dentro desta, contra as classes que supportam, com os encargos do trabalho e do fisco, os precalços da pobreza : o productor e o operario rural, principalmente, entre todos.

A noticia e a sensação da realidade das crises da nossa producção, só nos não affligem nem nos atordoam os ouvidos porque, cessada a esperança que ainda animava, em outros tempos, os fazendeiros mais influentes a reclamar o que se lhes afigurava ser remedio para todos os males : os emprestimos á lavoura—já se lhes emmudece a voz, para brados de soccorro que sabem inuteis. Mas o que se passa no interior é de uma dureza e de uma gravidade que se hão impôr aos olhos e aos ouvidos dos descuidados dominadores desta terra. O nosso paiz está exigindo, neste instante, um tratamento legislativo e administrativo intensissimo, um esforço multiplice, variado, caloroso, de soccorro social e economico, uma assistencia therapeutica como a das graves crises das molestias agudas, um «estado de sitio» (as idéas boas tem a magia de regenerar os conceitos os mais odiosos) de policia e de reconstituição economica.

Contam-se, sem duvida, alliados aos grandes problemas da nossa economia, uns tantos objectos, para os quaes as escolas e os estabelecimentos agronomicos podem trazer elementos de cooperação, mas secundarios : a instrucção agricola e os complexos trabalhos dos institutos de agronomia e de zootechnia são antecipações, são verdadeiras precipitações de esforços necessariamente estereis, por inopportunos e

inapplicaveis ; a veterinaria poderá um pouco attender a alguns interesses dos nossos criadores, mas, os principaes males do gado vêm antes, no Brazil, de causas permanentes do que de causas pathologicas. Os outros ensaios, experiencias, exames, cursos, são extemporaneos e improficuos. De que servem os estudos intensos, dos campos de experimentação, se as terras não offerecem mais as condições de exito para applicação de quaesquer progressos agronomicos ? De que servem instrumentos aratorios, estudos de adubos, se não se conta com a humidade e com as estações ? Todos estes trabalhos são esforços puramente aereos.

Actualmente, toda a actividade do Ministerio da Agricultura devera applicar-se, quanto a trabalhos proprios do campo, ao reflorestamento do alto dos morros e á extincção das formigas, no centro do paiz, e a tolher a continuação das derrubadas e defender as plantas naturaes de exploração, como a syringa, em toda a sua extensão. Seria este um sensato programma pratico, para o qual se poderia organizar um systema completo e expedito de providencias. Mas, só para a empreza do reflorestamento, fôra mister que aquelle departamento contasse com o apoio, com a assidua e regular cooperação, não só de todos os outros ministerios, senão tambem dos Estados e dos municipios ; que dispuzesse das leis e dos meios juridicos e de policia, necessarios á sua acção . . . O regimen politico vigente é incapaz de enfrentar esta empreza.

Quanto aos productores, ha duas ordens de medidas que se nos estão impondo, como ponto de partida da nossa reorganização economica: a liquidação da sua precaria situação financeira e a creação das bases da sua nova vida, fundada sobre garantias solidas, quanto ás condições naturaes, quanto ao regimen do trabalho, quanto aos seus interesses nas relações com o commercio, e

quanto ao credito rural. A moratoria, acompanhada de um systema de compensações, regulado legislativamente, ou por accordo, poderá permitir-lhes solverem as responsabilidades da producção, sem transferencia das propriedades e suspendendo a sua actual, aviltante e oppressiva, posição de descredito. Esta medida, eu a indiquei, ha longo tempo, para applicação geral ; mas o Congresso, só adoptando a moratoria, juntou esta nova causa de crise ás perturbações do commercio, com prejuizo certo para todos os credores, confundindo, sob o mesmo favor parcial, insolvaveis e victimas eventuaes dos vencimentos da occasião : fez, em summa, a obra pusillanime, commum á nossa politica de palliativos, de adiar as difficuldades para o futuro, mais aggravadas.

Adoptada esta medida de allivio, e promovida a politica de restauração da productividade do sólo, a da reorganização do commercio dos productos nacionaes de consumo e de exportação, e a da organização do credito, os nossos lavradores poderão reencetar seus trabalhos com probabilidade de exito, garantidos pela vigilancia e pela acção de todos os orgãos do poder publico, applicados, a supprir, por emquanto, e a conservar, mais tarde, permanentemente, as condições mesologicas normaes, defendidas, entre outros povos, pelo esforço secular da intelligencia e do trabalho, pelos costumes e pela tradição.

E, aqui voltamos, por fim, ao caso do trabalhador: o mais doloroso, o mais cruel, o mais grave exemplo da nossa incuria, do nosso immoralissimo alienismo.

O Brazil não tem trabalhadores nacionaes por que, a não ser pela escravidão, nunca houve, no paiz regimen social de trabalho. O habitante livre do paiz, só foi levado ao trabalho quando, estabelecido no seu latifundio, o alto preço dos productos inspiroulhe a seducção da vida ostentosa do *hobereau* ame-

ricano – fazendo disso o idéal e o contentamento da existencia, como as pequenas vaidades do vestuario, da literatura estrangeira e da rhetorica, eram o idéal dos nossos bachareis de varios typos e o theatro lyrico, os alfaiates e as costureiras francezas, o charuto, o carro e a chacara em Botafogo, o idéal dos submillionarios destas paragens, e das suas familias. Foram estes os modelos que nos deu a Côrte; e, na psychologia da formação social, a mais positiva e certa das leis é a da modelação dos espiritos pelos estalões em evidencia.

O impulso que nasceu com o bandeirante, com o desbravador de florestas, com o donatario e seus successores, e, depois, com o fazendeiro, perpetuou-se pela historia adeante, firmando as normas da aventura e do saque á natureza, como estimulo á acção do homem sobre a terra. A exhuberancia da floresta e a fartura da plantação em sólo virgem e a parte dos lucros commerciaes .que o exportador estrangeiro e o commerciante intermediario, nacional ou estrangeiro, verdadeiro preposto daquelle, condescendiam em ceder ao productor, davam para as larguezas do fausto domestico, para as *banalidades* do semi-feudalismo senhorial, para o sustento de famulos, de escravos, de apaniguados: todo um séquito de parentes e de aggregados, sem emprego e sem aptidão profissional.

Assim como os costumes europeus educaram e disciplinaram «os exercitos» dos seus «soldados do trabalho», os costumes da roça brazileira dissolveram, distrahiram e amollentaram, os bandos dos nossos sertanejos e dos nossos aggregados de fazendas. E' um facto social commum a todas as raças, e observavel, em todos os tempos, na vida dos povos civilizados de hoje: não é preciso alardear abysmos de sciencia psychologica, nem revolver severos termos de sciencia, para explicar esse trivial aspecto de uma formação social que, nem a natureza, nem a direcção politica, conduziram para a organização.

Hoje, essa multidão de «forçados» da vagabundagem—discipulos fidelissimos da unica escola e da unica pratica que se lhes indicou e se lhes expoz—está gravemente inveterada na indolencia, profundamente abatida, na reactividade do caracter e do espirito: não está, porém, degenerada. O nosso homem do campo, com o seu *facies* enfermiço, a sua estatura dobrada, o seu corpo franzino e recurvado — vale ainda tanto quanto valem, para as duras viagens do interior e para os pesados serviços de tracção pelos nossos esburacados caminhos e pelos trilhos das nossas montanhas, o cavallinho «esquipador» do norte—mais robusto e resistente, com a sua carcassa escaveirada, do que os mais musculosos normandos e *percherons* —, o «marchador» do centro, o boi creoulo e o boi caracú, dos sertões. Estes são os animaes adextrados para a rudeza das nossas jornadas, sobre varzeas cavadas de atoleiros e por picadas de caçadores, como são aquelles, e mais os selvagens em reserva nas florestas, os typos, fortes e masculos, em cujo espirito e em cujo braço o Brazil poderá confiar, para restaurar a actividade na sua vida: os reproductores das nossas «ethnos». Hão de sahir dahi «japonezes», para este meio. Os outros, vindos do alto da escala, ou nos trarão educação de disciplina militar, quasi passiva, cobiças sobreexcitadas, aprimoradas aptidões de jardinicultura e de trabalhos de estufa, logo perdidas em nossas terras, musculos e nervos systematizados para funcções inadaptaveis, ou, como é muitas vezes o caso, nas camadas superiores, uma energia de epiderme, feita de habilidade e de alguma instrucção, dando alma a essa robustez muscular, obra de *sports*, que é a forma do vigor entre os ociosos que cultivam a força sem a concomitante educação dos nervos para as labutas uteis, e uma moralidade convencional que concilia a preoccupação exclusiva do bem proprio com os canones dos codigos sociaes.

O colono estrangeiro será, quasi absolutamente, sempre, por indole, por força do espirito, dominante na vida mundial e intensissimo entre nós, de avidez de ganho, um instrumento de exploração da nossa terra e da nossa gente, indifferente ou hostil a tudo quanto nos interessa.

Por estes motivos, e porque o estado da população nacional attinge á angustia de extrema crise, é cousa para repellir-se sem vacillação — como verdadeira monstruosidade, moral, social e politica — proseguir-se na pratica da immigração — expediente suggerido pelo descuido intellectual dos politicos, não para solver o problema da organização do trabalho, mas para acudir á sua crise permanente, sempre renovada, e dia a dia mais grave, por effeito da propria panacéa adoptada; e será sempre um attentado contra a Nação e contra a Humanidade, attrahir ou tolerar para o nosso paiz migrações em massa, que alterem os processos da formação natural das populações, em equilibrio com os meios physicos e com as condições sociaes.

Em nossa época, o grande problema em litigio, de que os campos de batalha europeus mostram um dos mais dolorosos e deprimentes incidentes — é o conflicto do Imperialismo com que o se póde chamar, como expressão da tendencia humana para a vida de ordem e de liberdade, a *evolução pacifica e racional das nações e do mundo*. Restringir ao «militarismo», e particularmente, ao militarismo continental da Allemanha e do Kaiser, a caracterização desta crise da nossa phase historica, vale por truncar os factos, as causas e os moveis, da conflagração européa. O que o mundo ostenta hoje a nossos olhos é a lucta do Imperialismo contra a Democracia — ligada a esta palavra a expressão, mais alta e mais consentanea com a civilização, de «regimen da organização livre das sociedades»; é uma lucta entre imperialismos: imperialismos velhos que não querem transigir e não

toleram a concurrencia e a emulação, e imperialismos novos—violentos e arbitrarios, na consciencia da sua força—que querem dominar. A posição eventual das potencias, nos poucos annos que precederam a guerra, como no quadro em que as combinações diplomaticas, mais do que os interesses e as tendencias, dispoz os belligerantes, nada tem de particularmente expressivo, nem de determinante: são attitudes de acaso, attitudes fortuitas, attitudes illogicas.

Ora, o imperialismo contemporaneo continua a combater com as suas grandes armas tradicionaes: o militarismo, o capital, as migrações e a suggestão. Lucta por aggressão ou por astucia, arregimentada ou intersticial, mas sempre lucta, que a simpleza e a ingenuidade da moral individual, pregada, porém não muitas vezes praticada, pelos seus apostolos e conselheiros, não mitiga, porque a piedade que inspira a alguns poucos espiritos annulla-se sob os cyclopicos processos da acção collectiva,esse combate só admitte uma resistencia possivel, para os paizes novos e fracos, onde o individuo, sem consciencia e sem conhecimento da realidade, não acha as condições praticas de amparo, que a sociedade não suppre: a acção politica, a acção governamental, a acção legislativa, por todas as suas multiplas fórmas. E' o que fazem, apezar de todo o theorismo individualista da sua tradicional educação, os Anglo-Saxões, na Australia e na Nova-Zelandia, no Canadá e nos Estados-Unidos, contra os Hindús, contra os Japonezes, contra os Chinezes; é o que fazem, em toda a parte, todos os governos, contra os immigrantes tidos por nocivos, para a saúde e para a ordem. E' o que já fizemos, com a navegação de cabotagem.

Entre nós—onde, nas proprias camadas dos que dirigem, não se sabe o que é Nação, e onde palavras e theses em francez têm a força sobrenatural de *tabús*—pratica-se, ao contrario, a curiosa politica de

que resulta formar-se uma nação de gerações que se substituem umas ás outras, e cuja economia, civilização e progresso se resumem no espectaculo de um povo, dizimado, nas camadas baixas, pela miseria organica, e, composto, nas altas, de uma sociedade distincta, que o estrangeiro emprega, contentando-lhe as vaidades frivolas, emquanto arranca-nos a seiva e a fertilidade á terra, emascula-nos e cretiniza-nos a gente.

As migrações são, emquanto factos expontaneos e regulares, phenomenos sociaes a acceitar; não são, porém, solução a nenhum problema, social, politico ou economico. Estimula-las, desta ou daquella fórma, artificialmente, por acção do Estado, ou de qualquer dos pequenos ou grandes Estados, não officiaes, investidos, para a vida temporal, dos poderes que negam ao Estado da sociedade geral e da sociedade permanente — o Estado do século — e que todos os imperialismos se recusam a fundar no mundo, vale, com a politica do capitalismo, a da suggestão e a da conquista militar — epilogo ordinario das outras — por defraudar, em todo o planeta, as responsabilidades e os compromissos da nossa éra, e, por desvirtuar e corromper, na America, a indole das instituições e da civilização deste continente, no unico objecto de que elle póde fazer titulo a um caracter e a um idéal civilizador e progressivo; a organização social da Liberdade e da Ordem, pelo reconhecimento dos direitos e pela sua efficacia concreta, graças á distribuição equitativa das possibilidades sociaes, na concurrencia normal e no trabalho pacifico; e, em nosso paiz, commetter o attentado, inqualificavel para a nossa geração, de sacrifica-lo á depredação imperialista, como campo de prolongamento dos processos barbaros da civilização, em lugar de fazer delle—como a sua natureza e a sua posição o determinam, neste turno da Historia — a estação de inicio da civilização livre, pela cultura do individuo,

com a integração physica, mental e social, da personalidade—e não simplesmente confiada a fallazes garantias legaes—e com a organização da sociedade, na ordem e para o progresso, fundindo-se, equilibrando-se e harmonizando-se os grupos, os interesses e as tendencias.

A batalha real dos imperialismos — cumpre-nos te-lo bem em mente — não se está travando nos campos europeus: trava-se em torno das terras novas e dos povos novos do mundo; e o Brazil é o paiz collocado pelo curso da Historia e por suas condições geographicas, na primeira linha—a linha decisiva—em que se decidirá o dilemma do proseguir da evolução, para a Liberdade, para a Paz e para a Ordem, ou para o obscurantismo e a oppressão medieval, não menos crus porque menos directos, não menos mortiferos porque collectivos, não menos retrogrados por que se propõem a afogar as consciencias e a razão num oceano phosphorescente de preconceitos brilhantes.

A nossa éra é uma éra de grandes problemas, que as condições praticas da vida e do mundo apresentam: problemas concretos, nascidos dos factos, e não problemas de abstracção: os mais vastos problemas sociaes e humanos— os problemas oceanicos da vida: a generalização, por todo o mundo, dos conflictos e dos interesses que agitaram, revolveram e convulsionaram parcialmente a nossa especie, arremettendo, hoje, com toda a intensidade e toda a anarchia da massa das causas que os conturbam e das correntes que envolvem, sobre cada individuo, sobre cada grupo social, sobre cada nação. Todo exame analytico deste momento critico, toda posição singular, lateral, especial, toda abstracção, é erro que só contribuirá para fazer retrogradar a sorte humana, por seculos inteiros, aos mais horrorosos abalos materiaes, ás mais negras trévas do espirito. Os Messias das curas e das salvações individuaes, as doces

formulas da therapeutica espiritual, a medicina cellular do organismo social—formas ingenuas das primeiras aspirações humanitarias, confinadas no ambito estreito do mysticismo e no philosophar sentimental dos fundadores de religiões—seriam irrisorios, para a grandeza e para a gravidade das crises de hoje.

Estes problemas fluem para duas soluções finaes syntheticas: fundar o Estado, como orgão da vida social das nações, e fundar o orgão mundial de equilibrio entre as nações, para, encerrando-se de vez o cyclo da evolução humana, que veio, até ao presente, dirigido pelos impulsos da emotividade, encetar-se a evolução das sociedades, dirigida pelo sentimento e pela razão.

Em nosso paiz, o problema que se apresenta sob as duas faces da colonização e da immigração, é um dos aspectos da formidavel massa de ondas divergentes que o interesse irreflectido e desnorteado agita sobre as sociedades.

Possuimos uma enorme população ociosa e miseravel, sabem-n'o todos. Esta população, ou vagueia pelos desertos, sem policia, do paiz, ou apodrece, nas regiões centraes, dia a dia mais alheiada do trabalho. Que fazer por esta gente?

Nada? Mas porque?

De todos os tempos, a idéa da assistencia, do soccorro, do remedio á calamidade, á miseria, á fome, dominou instituições e regimens sociaes, sem que nenhuma theoria as repellisse; a organização secular das sociedades não é outra cousa mais que o lento processo formador desse conjuncto de habitos e de instituições que entretêm a associação expontanea dos compatricios, para a distribuição dos bens da vida—a partir do minimo da habitação e do alimento. Hoje, os orgãos e apparelhos desta organização expontanea estão mostrando, em toda a parte, a sua insufficiencia: a politica acode ás necessidades com a legislação social.

Nós, povo immigrado para um continente virgem, que julgavamos immensamente e indefinidamente rico ; para o qual entrámos, como exploradores, extrahindo fructos e avançando pelos sertões ; nunca formámos a nossa sociedade. A nacionalidade é, no Brazil, um simples facto de affectividade individual e de vizinhança. Faltam-nos, de todo, os vinculos geraes da relação, a liga plastica dos interesses, o vehiculo moral dos fins communs. Mas se, até as instituições de assistencia directa pela caridade já se mostram, entre nós, insufficientes, nos proprios grandes centros civilizados, a aggregação da solidariedade dynamica, para o trabalho, para a lucta e para o futuro—fonte e segurança primordial da vida e da saúde, nossa e da nossa prole—é-nos de todo nulla.

Condemnar a Nação?

Mas porque ?

Porque é inferior ?

A nossa inferioridade é um simples postulado de uma dessas muitas sciencias transitorias com que o espirito humano se compraz a eliminar difficuldades, contentando a ambição cathedratica e judicial, senão, muitas vezes, de dominio, que está no fundo de toda a acção *politica*—entendido este termo em seu verdadeiro sentido de acção que se destina a influenciar sobre a sorte de individuos e de sociedades — com sentenças prejudiciaes, a que só a força e a auctoridade emprestam titulos.

A inferioridade de individuos e de sociedades só tem por criterio de selecção um agente : os factos, e por juiz, uma auctoridade : o Futuro; e o facto, nas cousas da vida, depende, em grande parte, da consciencia, da razão e da vontade.

Ha raças superiores e raças inferiores ?

Admittamo-lo ; mas, neste caso, a superioridade ha de prevalecer, a inferioridade ha de ser vencida.

Porque prejulgar o litigio, fazendo, do lado dos poderosos, intervir a força, o artificio, a suggestão, os privilegios occasionaes; ou pregando, pelo nosso lado, o abandono, a renuncia, o sacrificio, e impedindo a acção organizadora, a politica de solidariedade e de assistencia social, pelo orgão do Estado, — como fazem os proselytos do nosso teratologico patriotismo sceptico?

O nosso paiz é um paiz excessivamente devastado pela expansão economica e pela exploração aventureira; as suas regiões já abertas pela furia destruidora da cobiça, apresentam gravissimas crises climatericas, que estão compromettendo a vida e a saúde dos habitantes e a productividade do sólo. Ha, nestas regiões, uma classe productora a braços com as tremendas difficuldades, moraes, sociaes e economicas, de um esforço improficuo, e uma immensa população de parias, para a qual vareiam os vintens necessarios á vida do corpo e á vida do espirito.

Cada invazão disso a que se chama, entre nós, «civilização material», se tem traduzido por uma operação de esmagamento e de eliminação de individuos, de familias e de grupos nacionaes.

As grandes civilizações, que estão fundando, sobre os alicerces do poder economico, as novas formas de suzerania e de feudalismo; que exhibem, no primeiro plano da sua vida, o espectaculo da alacridade impassivel do luxo, do amor proprio, da incontinencia, do vicio, sobre um fundo de miserias ou de penosa lucta pela vida, que exploram, nas suas cidades, a vaidade inconsciente e a licenciosidade, puerilmente ingenua e ostensiva, dos nababos e dos prodigos dos paizes novos; que estão multiplicando e accumulando, com instituições e costumes inçados de artificios e de convenções, formas sociaes onde o dinheiro, hierarchias de tradição e de acaso, cabalas e calculadas preferencias, constituem monopolios sem conta, installam privilegios invenciveis, crêam

e mantêm forças voluntarias de direcção e de orientação, escravizando o pensamento e a educação popular ao capital das livrarias e das emprezas jornalisticas, e o trabalho do espirito e do braço á dominação, silenciosamente prepotente e surdamente selectiva, de colonias e gremios parasitarios de toda a especie, — taes civilizações não nos exportam, quasi sempre, senão agentes dessa obra espuria, com que estão moldando em formas novas os velhos orgulhos e as velhas cobiças da alma humana, magistraturas expontaneas, que bipartem a justiça em sentenças crimes que condemnam e sentenças civeis que esbulham, e mestres abalizados nessa damninha, perniciosa, esterilisante e cruel, forma de moralidade que aggride, ataca, fere e revolve, os defeitos alheios, os defeitos do povo, os defeitos da raça, os defeitos da Nação, — mestres que imitamos com passividade, envolvendo cada um de nós toda a sua gente em calumnias tão summarias quanto levianas, sem reparar que a jurisdicção penal que nos arrogamos, desmoraliza a auctoridade do juiz e annulla a sua sentença, pois que envolve a propria pessoa na condemnação de todos.

Nos centros onde impera com a politica religiosa, a moral dogmatica, irmã dessa outra moral de isolamento do individuo, que arma a dominação espiritual, ensina-se, é certo—depois que se lhes vae mostrando o mal—aos discipulos que formam, nas escolas onde se educam os futuros pioneiros das explorações modernas, a respeitar os direitos dos outros, a não matar á fome os barbaros que encontrarem nas relações da vida colonial e exploradora. Mas este conselho abstracto, cuja efficacia pratica se póde medir pela efficacia alcançada sobre as consciencias pelos dez mandamentos durante seculos de saturação pedagogica e de pressão psychica, e, muitas vezes, material, —é uma simples ironia á sorte dos povos submettidos á concurrencia com os talentos e as vantagens dos ade-

antados. O exemplo do progresso material obtido pelo portuguez immigrado—e o portuguez é ainda um typo imperfeito, nessa civilização de audacias e de mercantilismo—em confronto com o abatimento e ruina da sociedade nacional, basta para mostrar o que vale o poder eliminativo do esforço individual preparado, nas liças contemporaneas da lucta social. Os Neros de hoje são Neros collectivos, cujas consciencias dormem, no repouso da distancia e do anonymato dos soffrimentos e das mortes; o grande Christo, o verdadeiro martyr de toda a sorte de despotismos e de oppressões, da força e do espirito, pelo correr da Historia, é o Homem, é a Humanidade: a massa enorme e esquecida, para quem a Moral e a Justiça não tiveram senão palavras e conselhos, lições e sentenças, e cujos problemas não podem dizer insoluveis nem uma sciencia que ha mais de quatro milenios explora os arcanos do céo para desvendar o movimento dos astros e ainda não concedeu um decennio e um centro regular de estudos para o exame dos problemas do homem e da sociedade, nem uma civilização que organiza poderes e dirige serviços como o telegrapho, a navegação, as estradas de ferro internacionaes, as grandes industrias e os fabulosos negocios de *trusts* e de millionarios, mais complexos e mais avultados do que a administração necessaria para fazer o bem-estar de muitos povos.

Neste periodo da civilização, as idéas de «expansão» e de «actividade internacional economica», de «mise en valeur», de colonização — criterios predominantes entre os advogados das classes e dos interesses que governam — são lemmas de guerra, pontes de passagem, dimorphismos superficiaes, do espirito militar e do espirito de dominio. Uma das maiores catastrophes do impulso emotivo que tem, na realidade, conduzido os passos do Homem, consistiu sempre em atacar as formas, os orgãos, os representantes, das velhas tendencias, moveis e senti-

mentos, ao passo que veste com outras palavras e traduz por outros conceitos o mesmo espirito, os mesmos impulsos, as mesmas illusões.

Neste caso nem isto se dá. As pessoas substituem-se, as classes alternam-se, mas subsistem, com a mesma inspiração e a mesma essencia moral, as mesmas instituições e os mesmos processos, que mudam apenas de nome. Sob ruidosos titulos «civilizadores» e «progressivos», encobre-se a mesma alma cupida, indifferente e fria, do descobridor e do explorador antigos. Não matam, porque os povos que vêm civilizar abrem-lhes os braços, mas eliminam-n'os em poucas dezenas de annos. Ora, se a Politica já não vale por um simples titulo de dominação, não é conceder-lhe capacidade muito transcendente o esperar que ella saiba comprehender e prevenir tão grosseiras mudanças de aspecto.

O problema da conveniencia ou da inconveniencia da colonização, reduz-se, para nós, a dados bastante concretos e bastante simples, para poupar esforços cerebraes. A nossa terra está excessivamente desbravada; novos desbravamentos importariam prejuizos incalculaveis para o futuro e aggravação immediata á crise do clima; a vida da grande maioria da nossa população é em extremo precaria, por causas climatericas, por causas economicas e por causas sociaes; os estrangeiros introduzidos no Brazil, justamente porque são mais activos e preparados, aggravariam esta nossa crise cosmica e esta nossa crise socio-economica; os que viessem com fim de estabelecimento e animo de se associarem comnosco, depariam com as mesmas difficuldades. Só especuladores e aventureiros ganhariam com essa politica de inconsciencia e de destruição. E não é outro, em geral, o effeito da politica do capitalismo e da colonização.

«Porém — não é difficil prever — a lavoura carece de braços», replicará, incontinenti, um fazen-

deiro ou um dos seus advogados officiosos, cedendo ao habito de attribuir a causas singulares os factos complexos, com que se illude, em regra, a difficuldade dos problemas.

Se a lavoura carece de trabalhadores, não é por falta de gente estabelecida no paiz. Gente preparada para os grosseiros e elementares serviços da roça, abunda por ahi; não ha recanto inculto e arido, fechado no alto de serras descalvadas, ou em longinquas planicies, onde se não encontre sempre um enxame de individuos, em numero muito superior ás necessidades das culturas que se avistam pelos arredores. Toda essa gente conhece, ou póde rapidamente conhecer, os trabalhos usuaes em nossa lavoura, e faze-los com regular pericia. A colonização jámais correspondeu, entre nós, a necessidades do *trabalho;* correspondeu sempre, sim, a necessidades da *producção,* ou, mais realmente, á necessidade das colheitas, isto é, á necessidade de dinheiro prompto e de dinheiro facil, que é o que sustenta as culturas, nas regiões onde se encontram colonos. Não correspondeu a necessidades do *trabalho*, para a agricultura, porque nunca se fixou e nunca se organizou; menos ainda ás necessidades do trabalho, quanto ao operario, porque este, nacional ou estrangeiro, ou o evita onde elle não dá os lucros seductores da «industria colonial do trabalho», ou procura occupação urbana e no commercio rural, ou abandona-se tambem — em grande escala, em segunda geração, e, frequentemente, em primeira — á calaçaria. No dia em que, por meio de um concerto de medidas proprias a reanimar os bons estimulos e a abater as más seducções, a generalizar as condições de *interesse* pelo trabalho e principalmente as da *efficacia* do trabalho, combatidos energicamente, com medidas de policia, de segurança, de hygiene e de conservação, já incorporadas á legislação de todos os povos, e susceptiveis de desenvolvimentos logicos e necessarios, os maus

incentivos e as causas de decadencia — os poderes publicos, desde a União até aos municipios, de accôrdo com os lavradores, abrirem guerra á ociosidade e offerecerem garantias de estabilidade e de prosperidade á gente do campo, affluirá, sem duvida nenhuma, para o trabalho remunerado uma grande parte dessas populações, hoje mantidas á custa do unico esforço preciso para obter um mesquinho alimento, que o alcool e o tabaco completam, *matando a fôme* e matando o individuo.

Actualmente, não póde haver crise de producção, entre nós, que imponha a necessidade de colonos. As crises deste momento — resultantes da guerra européa e da consequente perturbação commercial—são de outra ordem.

Como o problema meteorico, o problema do trabalho não é soluvel só por medidas directas. Ha, certamente, umas tantas providencias que o interessam immediatamente: a creação de nucleos de colonização nacional, vizinhos de todas as regiões onde se careça de trabalho periodico; a regulação das relações entre lavradores e trabalhadores, para garantia reciproca; o combate sem treguas ao alcool, levado até ás mais rigorosas medidas de repressão commercial, etc., Todas essas dependem, porém, na organização e na execução, de uma infinidade de condições.

Não ha nenhum problema social, soluvel isoladamente. Não existe, em nosso paiz, nenhuma organização, capaz de solver os nossos problemas sociaes e economicos. Todos estes convergem, em summa, para uma synthese geral: o problema politico, que se divide por ultimo, em dous outros: o problema das instituições e o problema das pessoas.

Neste momento, a organização politica demanda duas ordens de regimens: um regimen definitivo e um regimen transitorio. O regimen transitorio deve, por sua vez, comprehender, tambem, duas ordens de providencias: providencias de solução ás

crises presentes e providencias de adaptação do novo systema politico. E' o que nos cumpre levar a effeito.

Tal é o estado do nosso paiz; tal é o dever que se nos impõe. Devemos enfrenta-lo, devemos luctar por elle, confiando na justiça dos nossos contemporaneos, e — se a não tivessemos — confiando na Justiça dos posteros. Morrer na passividade, ou na subserviencia, é o que não póde fazer, nem um individuo, e ainda menos uma Nação!

Eis, por fim, a obra sagrada da nossa geração: restaurar as fontes da vida, no corpo do paiz, e as fontes da vida, no corpo e no espirito de seus habitantes; aquellas, pelo clima, e, sobretudo, pela agua; e esta pelo trabalho.

Impresso nas officinas da

PAPELARIA BRAZIL

Rua da Quitanda, 105 e 110

RIO DE JANEIRO